ISSN: 2358-8829

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PRÁTICA LEITORA DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

Patrícia Verônica N. Dias Fernandes [1]

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada pela intensa conectividade proporcionada pelo ciberespaço e pelas tecnologias digitais em rede. Nesse contexto, os dispositivos móveis ampliaram as formas de comunicação e acesso à informação, tornando a conexão contínua parte do cotidiano. Vivemos, assim, em uma realidade caracterizada pelo fluxo permanente de dados, demandas e estímulos, que impactam diretamente os modos de viver, aprender e interagir. Esse cenário evidencia como as tecnologias digitais transformam práticas sociais, culturais e educacionais, exigindo novas formas de leitura, interpretação e participação no mundo conectado.

A partir de 2017, as tecnologias digitais passam a integrar formalmente a educação básica brasileira. Isso ocorre com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que redefine as competências essenciais para os estudantes. Entre elas, destaca-se a necessidade de compreender e utilizar diferentes recursos tecnológicos; segundo ela, todos os alunos devem saber criar conteúdos digitais de forma crítica e responsável, e ainda devem ser capazes de comunicar-se em ambientes virtuais e participar ativamente da cultura digital. Dito isso, as tecnologias digitais têm assumido um papel relevante como suporte aos processos de aprendizagem ativos e autônomos dos estudantes do ensino superior (Pinto; Leite, 2020).

Este artigo discute a seguinte questão: de que modo as tecnologias digitais podem influenciar a prática leitora de alunos universitários e quais desafios essa relação apresenta para a formação acadêmica e cultural? O objetivo geral é refletir sobre as possibilidades e os limites da leitura em ambientes digitais no ensino superior. Especificamente, busca-se: **i)** discutir as relações entre educação, cultura digital e práticas leitoras, considerando a mediação de professores e a participação dos estudantes; **ii)**

[1] Bibliotecária da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – patricia.fernandes@ufrb.edu.br
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do UMINHO/PO.

examinar os desafios da articulação entre suportes digitais e impressos na formação de leitores autônomos e críticos.

METODOLOGIA

O artigo assume o formato de uma discussão teórica, de caráter qualitativo, fundamentada nas referências sobre leitura, cultura digital e educação apresentadas ao longo do texto. A perspectiva qualitativa orienta a interpretação dos sentidos e das relações envolvidos nas práticas leitoras, em consonância com a atenção aos contextos e aos processos de compreensão destacada por Bogdan e Biklen (1994).

A discussão organiza-se em torno de três eixos: as transformações da leitura no ambiente digital; as possibilidades e os desafios dos diferentes suportes de leitura; e a mediação pedagógica na formação de leitores universitários. As contribuições dos autores são articuladas para problematizar o acesso à informação, a atenção, a interpretação e a autonomia leitora.

As reflexões desenvolvidas decorrem do diálogo com a literatura citada e devem ser compreendidas como uma análise teórica das práticas leitoras no ensino superior.

A LEITURA NO AMBIENTE DIGITAL

As tecnologias digitais transformam os modos de ler, acessar e produzir informação, ampliando as possibilidades de circulação dos textos no cotidiano universitário. Essas mudanças não se limitam aos suportes e formatos: também envolvem práticas cognitivas e sociais, exigindo atenção às maneiras pelas quais os leitores selecionam, interpretam e relacionam os conteúdos.

Essas transformações desafiam os modelos tradicionais de leitura, sem necessariamente substituí-los. A coexistência de diferentes modos de ler pode ser compreendida a partir da reflexão de Weber, Santos e Cruz (2014, p. 63):

> Em cada geração tecnológica, as linguagens, como signos, mediaram nosso tempo de formas distintas. De leitores contemplativos passamos a leitores imersivos, trazendo conosco todas as mediações culturais, tecnológicas e midiáticas até então vividas, sem que uma geração tecnológica tenha excluído a outra.

Nessa perspectiva, Costa e Pereira (2024) discutem a importância da leitura na formação universitária e os desafios relacionados ao desempenho acadêmico. Em diálogo

com Weber, Santos e Cruz (2014), essa abordagem permite refletir sobre práticas de ensino que considerem as diferentes experiências de leitura e as formas de participação na cultura digital.

Sob essa ótica, Horellou-Lafarge e Segré (2010, p. 17) acrescentam que a prática da leitura, em função da existência desses múltiplos suportes, diversificou-se, adquiriu formas e significados múltiplos. Dentre essas formas, a hipertextualidade rompe com a linearidade típica dos textos impressos, em que o leitor é constantemente convidado a navegar por *links*, páginas e conteúdos interconectados, o que pode enriquecer a experiência de leitura.

Nesse ambiente, o leitor pode "estabelecer sua própria rota de leitura/navegação, de acordo com seu interesse, interpretando e associando ideias ao seu modo" (Weber; Santos; Cruz, 2014, p. 68).

Essa complexidade demanda uma leitura crítica, capaz de integrar diferentes informações e avaliar sua relevância para a compreensão do texto. A possibilidade de alternar entre conteúdos também coloca em discussão a fragmentação da atenção e a continuidade da leitura. Por isso, a navegação precisa ser acompanhada de objetivos claros e de mediação pedagógica, para que a variedade de recursos contribua para a interpretação, e não apenas para o acesso à informação.

DISCUSSÃO TEÓRICA

A relação entre tecnologias digitais e leitura universitária exige distinguir o acesso aos textos da apropriação de seus sentidos. Disponibilizar conteúdos em diferentes suportes é uma possibilidade importante, mas a formação leitora também envolve interpretação, reflexão e participação cultural. A discussão de Costa e Pereira (2024) sobre a leitura no contexto universitário contribui para situar essas dimensões no processo de formação acadêmica.

Os recursos digitais podem ampliar as possibilidades de acesso e oferecer diferentes percursos de leitura. A hipertextualidade permite estabelecer conexões entre textos e linguagens, conforme a reflexão de Weber, Santos e Cruz (2014). Entretanto, a liberdade de navegação não equivale, por si só, à autonomia crítica: é necessário selecionar informações, relacionar ideias e manter o foco nos objetivos da leitura.

ISSN: 2358-8829

A diversidade de suportes deve ser considerada em relação às finalidades da atividade leitora. Como discutem Horellou-Lafarge e Segré (2010), a leitura assume formas e significados múltiplos. Nesse sentido, a escolha entre textos digitais e impressos não precisa ser tratada como oposição ou hierarquia fixa, mas como uma decisão vinculada às condições de acesso, às necessidades do leitor e à proposta de estudo.

No ensino superior, a mediação pedagógica pode favorecer uma relação mais consciente com os recursos tecnológicos. Em diálogo com Pinto e Leite (2020), que abordam as tecnologias digitais nos percursos acadêmicos, propõe-se que seu uso seja articulado às finalidades de aprendizagem. Para a leitura, isso implica orientar a seleção dos textos, explicitar objetivos e promover oportunidades de interpretação e discussão.

A formação do leitor universitário não se limita ao domínio de ferramentas. Ela envolve a compreensão da leitura como prática social e cultural, na qual o sujeito mobiliza experiências e conhecimentos para construir sentidos. Por isso, a participação em ambientes digitais deve ser acompanhada de atividades que valorizem a reflexão, a comunicação e o diálogo entre diferentes perspectivas.

Uma proposta de articulação entre a leitura digital e a impressa pode contemplar diferentes gêneros, linguagens e situações de estudo. Não se trata de afirmar a superioridade de um suporte, mas de reconhecer possibilidades complementares. A consulta a conteúdos digitais pode ser combinada com momentos de leitura contínua e aprofundada, de acordo com os objetivos pedagógicos e as condições disponíveis.

Nesse quadro, a autonomia leitora é compreendida como a capacidade de fazer escolhas fundamentadas e de avaliar a própria compreensão. O papel docente não se limita a indicar materiais: inclui a construção de situações em que os estudantes possam justificar interpretações, estabelecer relações entre textos e discutir os sentidos produzidos em diferentes suportes.

A reflexão teórica aponta, portanto, para a importância de integrar as tecnologias às práticas leitoras sem reduzir a formação acadêmica ao uso de dispositivos. O desafio está em conciliar acesso, profundidade e reflexão, reconhecendo a universidade como espaço de circulação de saberes e de participação cultural. Essa integração deve valorizar tanto as possibilidades digitais quanto a continuidade das práticas de leitura em outros suportes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida permite compreender as tecnologias digitais como recursos que ampliam as possibilidades de acesso, circulação e interação com os textos, mas cujo potencial formativo depende de sua articulação com práticas de leitura crítica. A diversidade de conteúdos e percursos não dispensa a interpretação cuidadosa nem a mediação pedagógica.

Nesse sentido, a formação de leitores universitários requer a valorização de diferentes suportes, sem pressupor que o digital deva substituir o impresso. A articulação entre essas possibilidades pode favorecer propostas de leitura que considerem as finalidades do estudo, as condições de acesso e a necessidade de aprofundamento. Cabe à universidade criar espaços de leitura e de discussão que contribuam para a autonomia e a participação cultural dos estudantes.

Por se tratar de uma discussão teórica, o artigo não permite estabelecer conclusões sobre os hábitos ou as preferências de um grupo específico de alunos. Sua contribuição consiste em problematizar as relações entre tecnologias digitais e formação leitora, destacando a importância de práticas pedagógicas que conciliem acesso, interpretação e reflexão. Investigações futuras poderão aprofundar essas relações em contextos universitários específicos.

Palavras-chave: Prática leitora; Tecnologias digitais; Ensino superior; Capital cultural; Educação.

REFERÊNCIAS

BODGAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, 14 jul. 2010a.Acesso em 30 de ago. de 2026

COSTA, Maria Antônia Ramos; PEREIRA, Cláudia Justos Torres. O papel da leitura no desempenho acadêmico: desafios e impactos no contexto universitário. RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber, Brasil, v. 1, n. 2 Disponível em: https://submissoesrevistarcmos.com.br/rcmos/article/view/720. Acesso em 30 de ago. de 2026

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. Sociologia da leitura. Cotia, SP, Ateliê Editoria, 2010. (Coleção Azul, n. 6).

PINTO, Marta; LEITE, Carlinda. As tecnologias digitais nos percursos de sucesso acadêmico de estudantes não tradicionais do Ensino Superior. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, e216818, 2020. DOI: 10.1590/S1678-4634202046216818. Acesso em 30 de ago. de 2026

WEBER, A.; SANTOS, E; CRUZ, M. M. Letramentos e alfabetizações na cibercultura: crianças e jovens em rede, desafios para a educação. In**: Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.32, n.62, p.59-73, jun. 2014. Disponível em: v32n62a04.pdf. Acesso em 29 de ago. de 2026.